

Ecoturismo: potencial inexplorado

MAURÍCIO LOBO*

Um dos mercados que mais crescem no mundo, o turismo, que passou a ser a forma mais comum de lazer, já movimenta US\$ 4 trilhões por ano. Com o aumento do fluxo mundial de turistas, o setor vem se segmentando e apresentando novas opções como o ecoturismo, ainda recente no Brasil e no Rio de Janeiro. Isso mesmo levando-se em conta termos algumas das mais belas paisagens naturais do planeta, caso da Amazônia e do Pantanal, para citar as mais conhecidas, ou da região dos Lençóis Maranhenses e da Chapada Diamantina, cujo potencial ainda é muito mal explorado.

Seja pela falta de infra-estrutura, seja pela total ausência de incentivos governamentais, pela inexistência de campanhas publicitárias diretas para atrair turistas estrangeiros ou ainda por reflexos da total inércia brasileira durante décadas no tocante a este assunto, esta é uma realidade que precisamos e podemos mudar.

No Rio de Janeiro, esta tendência não poderia ser diferente e, após a conclusão do Plano Maravilha, estamos elaborando um Plano Diretor de Ecoturismo que inverta esta situação. Nunca mencionada em publicações do gênero, a cidade, por suas

características únicas, poderia ser um destaque nacional em ecoturismo.

No entanto, nossos governantes se contentavam, pelo menos até agora, com a cômoda posição carioca de ser o Rio o portão de entrada de turistas no País – turistas estes que acabavam por gastar seus dólares em outras regiões, certamente por desconhecerem o potencial de nossa cidade e de seu entorno.

Capital mundial da ecologia, sede da Rio 92 e de diversas conferências e projetos ambientais, o nosso município é uma referência sempre que se fala em meio ambiente e pode, quem sabe, ganhar a mesma importância quando o assunto for ecoturismo.

Para que isso se torne realidade, é preciso que tenhamos metas bem definidas e que o poder público e a iniciativa privada trabalhem juntos na busca de infra-estrutura para nossos parques e praias e para a cidade como um todo.

É necessário também investir em nossas principais atrações através de campanhas publicitárias, do treinamento de guias, do cadastramento de empresas especializadas em ecoturismo e da promoção de esportes de aventura. Mas o grande desafio é sem dúvida conciliar o crescimento do ecoturismo com a sustentabilidade.

Para implantar uma política de ecoturismo na cidade, poderíamos seguir o caso da Costa Rica, pequeno país da América Central, com território pouco maior do que o do Espírito Santo, e que recebe mais de 260 mil ecoturistas por ano.

O país é um exemplo concreto de que a prática do ecoturismo pode encerrar uma oportunidade histórica de se capitalizar uma grande fatia do turismo mundial para o nosso continente.

Outro exemplo é o Peru, maior concorrente do Brasil na disputa pelo mercado de ecoturistas. Lá existe uma boa infra-estrutura, confortáveis hotéis de selva, parques administrados por pessoal bem treinado, ingressos com custos reduzidos e tarifas aéreas também baratas – situação radicalmente oposta àquela encontrada no Brasil.

Sem a implantação de uma política definida para o setor, corremos o risco de ver o ecoturismo aumentar desordenadamente e sem preocupação ambiental, destruindo ao invés de conservar e transformando nossas matas, a curto prazo, num pesadelo ecológico.

*Secretário municipal de Meio Ambiente e vice-presidente para o Sudeste da Associação Nacional de Meio Ambiente.

13/6/98
YB
6